

ViBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 4 / nº 10 / 1º trimestre letivo de 2020



Rebeca Coelho Paulino
e Manuela Varollo,
alunas do 4º ano E.

Colégio
**VITAL
BRAZIL**
A força do ensino



Um motivo de esperança

Uma mensagem a toda a comunidade do Colégio Vital Brazil, em especial aos alunos.

Caro leitor,

Quando você estiver lendo esta edição da **RevistaViBRA**, é provável que ainda estejamos vivendo as semanas iniciais do que já se mostra ser um dos capítulos mais difíceis de nossa história recente. Um desafio urgente de dimensão global, com efeitos em todos os aspectos da vida humana no planeta; mas que, assim como outros desafios semelhantes no passado, estamos certos de superar. Por meio do conhecimento, do empenho, da solidariedade e do senso de responsabilidade coletiva que a humanidade, diante de eventos ainda mais graves do que este, já demonstrou possuir.

É inevitável que pensemos assim, é inevitável manter a esperança. Afinal, somos uma escola, e toda escola tem o dever de acreditar no futuro. Está na própria natureza do ofício de educar. Quem educa acredita na força positiva e transformadora das novas gerações, quando a elas é dada a oportunidade de cultivar a capacidade criativa, o respeito ao conhecimento e o espírito solidário, característicos do ser humano.

Antes que a crise da COVID-19 se abatesse sobre o País, a pauta inicial para esta seção da revista era apresentar aos leitores uma nova campanha de educação para reciclagem e conscientização ambiental que estávamos planejando, além de outras iniciativas em prol da sustentabilidade em nosso Colégio. Sustentabilidade, como educação, também é uma aposta no futuro. Mas

uma aposta certa, não cega, com base em saber especializado e valores humanistas. “Suprir as necessidades do presente sem afetar as habilidades das gerações futuras de suprirem as próprias necessidades” é a definição consagrada de desenvolvimento sustentável. Ocorre que, às vezes, algumas necessidades chegam mais rápida e inesperadamente do que outras.

Assim, nossas ideias sobre reciclagem e responsabilidade socioambiental podem ficar para as próximas edições, porque o momento atual impõe que dediquemos

ao menos algumas palavras para reconhecer o desafio que estamos enfrentando. Impõe que agradeçamos a compreensão e o esforço que todas as famílias, professores e funcionários estão fazendo para que atravessemos juntos este momento, da melhor maneira possível.

Queremos, por fim, dirigir aos alunos uma última palavra. No ano passado, quando lançamos o Prêmio InovaVital, nós o fizemos por acreditar no potencial de

cada um de vocês para imaginar um futuro diferente, um futuro melhor. Temos inteira confiança que vocês e as próximas gerações de cientistas e profissionais do mundo inteiro serão capazes de enxergar os novos problemas apenas como desafios *ainda* sem solução, que vocês certamente saberão encontrar. Como sua escola, nós faremos de tudo para ajudá-los a cumprir esse papel. Vocês nos motivam a isso. Cada um de vocês é um forte motivo para mantermos a esperança.



Registro do encontro de ex-alunos, em comemoração das aprovações no vestibular (14/3): vitórias que dão esperança.

EXPEDIENTE ViBRA é um órgão de comunicação do Colégio Vital Brazil. Colégio Vital Brazil: Av. Nossa Senhora da Assunção, 438, Vila Butantã, São Paulo/SP – (11) 3712.2218 – www.vitalbrasilsp.com.br **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção Pedagógica:** Suely Nercessian Corradini **Direção Administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** André Rebelo, Kátia Kobal, Mônica Lemos, Roberto Leal, Suely Nercessian Corradini **Projeto e Coordenação Editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista Responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) **Designer:** Giovanna Angerami **Textos:** Alexandre Bandeira, Gerson Sintoni (pág. 12) **Fotografias:** Rafael Silva Machado **Ilustrador Convidado:** Christiano Mascaro (pág. 8) **Revisão:** Adriana Duarte. 1º trimestre letivo de 2020.

Como levar uma vida sustentável?

Por
Livia Ribeiro,
engenheira
ambiental, diretora da
Reconnectta, assessoria
em Educação e
Sustentabilidade.

1 ENTENDA O VALOR DA SUSTENTABILIDADE. Mais que um conceito, a sustentabilidade é um valor que vai além da dimensão ambiental. “Suprir as necessidades do presente sem comprometer o futuro” é um princípio que vale para o meio, para a coletividade e para cada um.

2 COMECE POR VOCÊ. Praticar meditação, manter uma alimentação saudável e exercitar-se com regularidade trazem equilíbrio e são atitudes que contribuem para uma vida sustentável.

3 MANTENHA CONTATO COM A NATUREZA. Essa conexão é fundamental; aproveite toda e qualquer chance. Na cidade, procure parques e espaços verdes para uma caminhada, por exemplo. Vá à praia, entre no mar, passeie pelo campo, faça *trekking* nas montanhas.

4 REDUZA A QUANTIDADE DE LIXO CONSUMINDO MENOS. Questione antes de comprar: “Preciso mesmo disso?” Diminua o uso de embalagens; compre a granel, por exemplo.

5 REAPROVEITE TUDO O QUE FOR POSSÍVEL. O que não for, descarte adequadamente, fazendo a separação de materiais destinados à reciclagem.

6 RECICLE OS RESÍDUOS ORGÂNICOS FAZENDO COMPOSTAGEM. É uma forma de reduzir o lixo, de entrar em contato com processos naturais e de produzir adubos para as plantas.

7 FORTALEÇA VÍNCULOS COM AS PESSOAS. Qualquer mudança de hábitos requer esforço. Mas é mais fácil mudar em parceria, em grupo, dividindo experiências e informações. Compartilhe, envolva filhos, parceiro(a), amigos, vizinhos.

8 EXPANDA SEU CÍRCULO DE RELACIONAMENTOS. Procure a associação do seu bairro, conheça os projetos em andamento ou proponha outros – por exemplo, a organização de uma horta coletiva, a recuperação de uma praça. Diálogo e troca de experiências são fundamentais.

9 POR FIM: NÃO SE ANGUSTIE. O processo de mudança para uma vida sustentável é urgente, mas isso não pode se transformar em angústia ou culpa. Comece aos poucos, mude o que for possível. É preferível dar um passo de cada vez a tentar uma transformação radical e não conseguir mantê-la. O processo deve ser positivo e prazeroso.



Conheça a Reconnectta:
www.reconnectta.com

O corpo ensina

Das primeiras garatujas ao estudo dos sistemas do nosso organismo, como o conhecimento do corpo humano é construído nas etapas iniciais da vida escolar.

Daqui a muitos anos, os alunos do 1º ano do Fundamental do Vital Brazil talvez se recordem daquela manhã remota em que sua professora os levou para conhecer o esqueleto humano. Era uma aula especial, na qual Juliana Rocha guiou a classe numa visita ao laboratório de Ciências para lhes apresentar como é o corpo humano por dentro.

Alguns talvez já soubessem o que iriam encontrar (ou tivessem alguma ideia), mas, aos 5 anos de idade, aquela era provavelmente a primeira vez que os alunos estavam diante de um modelo de esqueleto em tamanho real de um adulto, com os mais de 200 ossos da espécie, ou de uma réplica do organismo humano, com cérebro, coração e outras peças essenciais a seu funcionamento. Confirmando ou corrigindo suas suposi-

ções, o certo é que aquela visita ao laboratório representaria um salto considerável no que cada um sabia sobre como e do que somos formados – principalmente para quem, até poucos anos antes, ainda desenhava pessoas como simples rabiscos, um círculo imperfeito e alguns traços assimétricos no papel.

Na construção do aprendizado a respeito do corpo humano, as primeiras tentativas infantis de representação gráfica de personagens são significativas na formação do que se chama “esquema corporal”: a consciência que a criança desenvolve, nos primeiros anos de vida, de que tem um corpo, de que ele é composto de partes, de que ele se localiza e se movimenta no espaço e de que ela pode controlá-lo. É uma jornada formada por uma série de descobertas que, grosso modo, se refletem na evolução dos desenhos infantis. Das garatujas que mais parecem uma aranha, a pessoa toda uma cabeça só, de onde saem alguns riscos, aos “bonecos-palito”, nos quais já se distinguem cabeça, troncos e membros, às representações mais detalhadas em que braços ganham mãos e mãos ganham dedos, a folha de papel vai registrando o conhecimento cada vez maior da criança sobre o próprio corpo e o corpo humano em geral.

Segundo Juliana Rocha, a evolução do esquema corporal é um dos principais focos da Educação Infantil, viabilizado por meio de atividades diversas e interdisciplinares. O projeto “Marcas que o corpo deixa”, por exemplo, faz os alunos explorarem as formas e tamanhos que as suas mãos e pés, melados de tinta, carimbam no papel. Já a pergunta “Quem sou eu?” inspira a criação, nas aulas de Arte, de autorretratos com diferentes técnicas e progressivos graus de complexidade – além de motivar uma série de reflexões sobre identidade e a construção das noções do “eu”, do “outro” e do “nós”, um dos campos de experiência fundamentais dessa etapa escolar.

No que diz respeito ao entendimento do corpo, especificamente, o que Juliana espera é que os alunos cheguem ao 1º ano do Fundamental tendo o esquema corporal já consolidado, ou quase, para então começar a introduzir um olhar mais científico no assunto. “No 1º ano, muitos já têm esse esquema estruturado, alguns ainda não; alguns ainda desenhavam bonecos-palito, por exemplo”, diz a professora. “É quando a gente diz:



‘Nosso corpo tem linhas, tem massa; vamos tentar desenhar juntos um corpo humano?’”

A atividade precede a visita ao laboratório. Deitada sobre uma longa folha de papel Kraft estendida no chão, uma criança tem seu corpo contornado pela professora, observada pelos colegas em volta. Completado o traço, Juliana pergunta: “A gente não é só o contorno; o que mais podemos desenhar?” Ela quer ouvir o que cada um sabe ou supõe saber. “Alguns ficam no que se pode ver: olhos, boca, nariz; outros já citam alguns órgãos internos, como pulmão, coração”.

Segundo Juliana, esse momento é essencial para que ela provoque questionamentos nos alunos (“o que nos mantém de pé?”), que os faça explorar seus corpos (“eu peço que eles sintam a pele, as costelas; ‘o que será isso?’”) e elaborem as hipóteses que, mais tarde, no laboratório de Ciências, poderão pôr à prova, quando confrontados com a réplica de um ser humano com os órgãos expostos, com radiografias e com o esqueleto. Por mais diferentes que sejam por fora, eles se descobrem iguais por dentro; é assim que todos eles são. E o aprendizado está só começando.

O que nos faz funcionar

Pelo planejamento pedagógico do Fundamental I, o conteúdo de Ciências do 2º ano passa ao largo do “bicho homem” para focar mais em outros seres vivos, como as plantas. Não demora, porém, para o ser humano voltar à cena com tudo.

“No 3º ano, eles estudam o desenvolvimento do embrião dentro da barriga da mãe, comparando a nossa gestação com a de outros animais”, diz a professora Eliane Santana, que dá aulas no 2º ano mas já lecionou para turmas do 3º no Vital. (Vale notar que aprendizados sobre o corpo nunca deixam completamente de ocorrer no ambiente escolar, mesmo que não em sala de aula; nas aulas de Educação Física ou de Música, os professores não deixam de ensinar aos alunos conceitos de condicionamento físico ou saúde vocal, por exemplo.)

É no 3º ano também, segundo Eliane, que os alunos começam a entender melhor o funcionamento do organismo humano – como aqueles órgãos já apresentados

a eles na primeira visita ao laboratório cumprem suas tarefas de forma integrada.

Começando pelos cinco sentidos – como vemos, ouvimos e sentimos o mundo à nossa volta –, o estudo avança, até o 5º ano, para os sistemas digestivo, circulatório, respiratório, imunológico e todos os demais. Incluindo o sistema reprodutor, assunto que ganha relevância especial às vésperas da puberdade e que merece uma aula especial, dada em turmas separadas de meninos e meninas do 5º ano, pelos professores João Batista Petucco e Priscilla Issuani, respectivamente, ambos assessores de Ciências do Colégio.

“É um momento em que os alunos se sentem seguros para tirar suas dúvidas e escutar sobre as mudanças que começarão a sentir: surgimento de pelos, mudanças no tom de voz, alterações de humor, devido aos hormônios”, diz Elizabeth Ashida, professora do 5º ano. É quando o próprio corpo, que eles já tão bem conhecem, demonstra que eles ainda têm o que aprender.

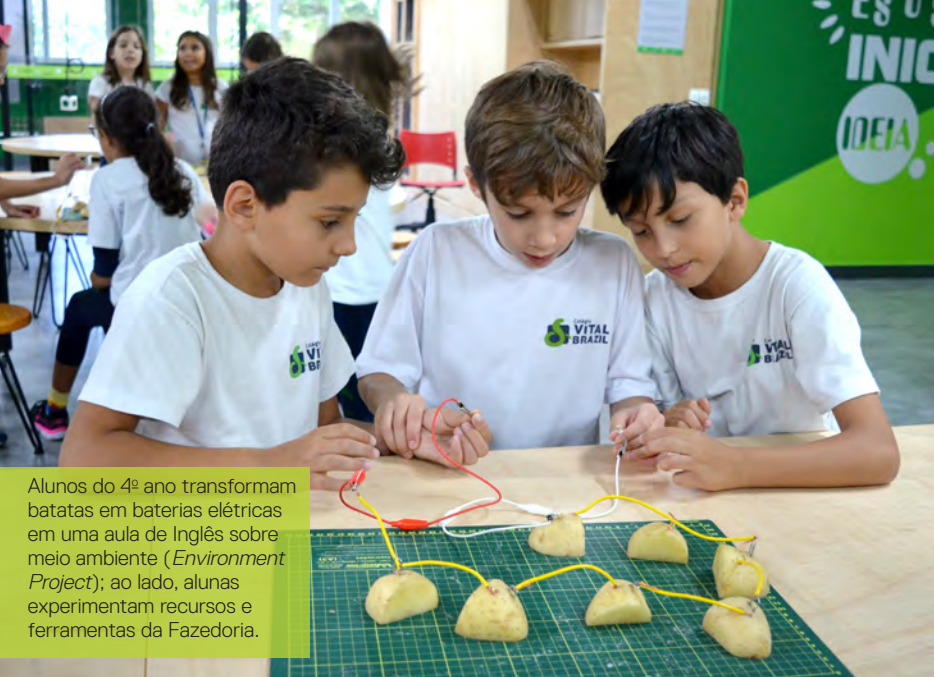
1 O conhecimento do corpo humano evolui progressivamente, a começar pela estruturação do esquema corporal na Educação Infantil.

2 Trata-se da consciência, pela criança, de que tem um corpo feito de partes e de que ela o controla. Garatujas, bonecos-palito e desenhos cada vez mais elaborados refletem essa evolução.

3 A partir do Fundamental I, o estudo do corpo ganha olhar mais científico, detendo-se nos sentidos, órgãos e sistemas responsáveis pelo funcionamento do organismo humano.



Alunos do 1º ano do Fundamental visitam o laboratório de Ciências do Vital: conhecendo o corpo por dentro.



Alunos do 4º ano transformam batatas em baterias elétricas em uma aula de Inglês sobre meio ambiente (*Environment Project*); ao lado, alunas experimentam recursos e ferramentas da Fazedoria.

Fazer e o aprendizado acontecer

Novo ambiente pedagógico do Vital é espaço de estímulo à iniciativa, à criatividade e à cooperação entre os alunos.

Imagine a cena: um visitante chega à portaria do Colégio e recebe as boas-vindas de um robô, que lhe conta um pouco da história do patrono, o médico Vital Brazil Mineiro da Campanha. Há cerca de um ano, foi isso que Luiza Alonso e colegas imaginaram como primeira ideia para inscrever no Prêmio InovaVital, de incentivo a projetos inovadores dos alunos. Como não parecia ser executável, o grupo sacrificou a ideia em favor de outra, menos ousada. Hoje, porém, Luiza, que está no 7º ano do Fundamental, pensa diferente. Se houver nova edição do Prêmio, diz a aluna, ela acredita ser possível construir seu robô. Afinal, hoje o Vital tem a Fazedoria.

Inaugurada em janeiro, a Fazedoria é o novo ambiente pedagógico do Vital, onde o aprendizado será regido pelos princípios da chamada Cultura *Maker*, que prega maior iniciativa e protagonismo das pessoas para que resolvam problemas e atendam a demandas do cotidiano por conta própria, por meio de criar, consertar ou aprimorar ferramentas e aplicativos diversos. Para isso, o espaço, que ocupa 130 m² do segundo andar do prédio principal do Colégio, vem equipado com um arsenal completo de ferramentas mecânicas, eletrônicas e artísticas, com destaque para duas impressoras 3D, cortadora de madeira a laser, cortadora de vinil, furadeira de bancada, lixadeira, serra tico-tico, *kits* de prototi-

pagem (plataformas Arduino e Makey Makey), além de 10 *notebooks* exclusivos.

O conjunto enche os olhos. De fato, bastou uma aula de Arte da professora Maristela Pinheiro, no início do ano letivo, para que as turmas do 7º ano percebessem as possibilidades da Fazedoria. Munidos de materiais como garrafas PET, barbantes e furadeiras, os alunos fabricaram um pêndulo que oscilava e esguichava tinta, criando elipses coloridas em folhas de papel no chão. Era apenas a primeira visita dos alunos, e nem todas as ferramentas haviam sido adquiridas, mas foi o suficiente para deixá-los visivelmente animados. “Aqui é *top*, muito bom”, diz Sophia Zanon, do 7º B, enumerando as qualidades do lugar: “Tem ar-condicionado, bastante espaço para trabalhar em grupo, uma lousa muito estilosa, tudo tecnologia de ponta”. As impressoras 3D não passam despercebidas. “Dá para imprimir várias coisas, como cartas de jogos”, diz Nicolas Stranger, colega de Sophia, que também propõe suas ideias: “Xícara de café, carimbo, tudo de graça!”

Formado em Desenvolvimento de Jogos Digitais e com cinco anos de experiência dando aulas de Programação e Robótica para crianças, Adriano da Silva é o responsável por cuidar da Fazedoria e auxiliar os professores na realização de projetos com os recursos à disposição. “Este é um verdadeiro *FabLab*, como estão

aparecendo vários pelo mundo [o termo vem do inglês *Fabrication Laboratory*, “Laboratório de Fabricação”]. É um espaço que muitas *startups* estão pagando para usar, lá fora”, diz Adriano, que garante: “Você tem uma ideia e quer criar um protótipo? Aqui dá para fazer”. Isso inclui cartas, xícaras, carimbos e o que mais a imaginação quiser – até robôs de boas-vindas.

Em termos pedagógicos, contudo, o que quer que os alunos inventem importará menos do que as competências que eles exercitarão no processo de criar, executar e testar suas ideias.

Para começar, há o trabalho em grupo. Todo o desenho da Fazedoria foi pensado para que as pessoas interajam, desde mesas coletivas à amplidão dos espaços entre elas, para facilitar a circulação de professores e alunos. “Muito mais importante que o resultado é o processo”, diz o coordenador pedagógico do Fundamental II, Roberto Leal. “Aqui é um lugar para o aluno aprender a lidar com os colegas – cada um contribuindo com o que sabe fazer melhor – e também para ele ousar, não se amarrar pensando no que pode não dar certo. Até porque, se der errado, ele volta, conserta e tenta de novo. O erro é parte importante do aprendizado”.

“O sentido desse espaço é o estímulo”, resume a professora de Arte Maristela Pinheiro. Estímulo à cooperação, à criatividade, à iniciativa, à ousadia, até mesmo ao erro... e à solução para contorná-lo. É no que se aprende fazendo que reside o maior valor da Fazedoria para a escola.

“Os olhos brilham”

“Essa geração tem necessidade de desenvolver coisas; eles querem protagonismo, em todos os sentidos”, diz Roberto Leal, coordenador pedagógico do Fundamental II do Vital. “Eles não querem só pesquisar, querem participar, fazer, inovar. Por isso, quando chegam aqui, os olhos brilham; eles se maravilham só de segurar uma furadeira”.

“O espaço desperta neles uma vontade de criar que talvez eles nem soubessem que tinham”, concorda Adriano, que, como responsável pela Fazedoria, atende-rá pelo cargo de educador *Maker*. Afinal, é de educação que se trata. “Aqui eles consolidam o que veem na aula, pondo na prática. Eles entendem que o conhecimento não é só número e fórmulas”, diz Adriano.

Não que os trabalhos desenvolvidos na Fazedoria se limitem a disciplinas que lidem com números e fórmulas. Estão previstos, por exemplo, projetos como a fabricação de maquetes de biomas (6º ano), a produção de livros com técnicas de encadernação do século XV, quando a imprensa foi inventada (7º ano), a construção de catapultas em miniatura (7º ano) e armadilhas para mosquitos (8º ano), entre outras propostas que reque-rem conhecimentos interdisciplinares aplicados na prá-

Conheça a Fazedoria Vital

Estrutura e equipamentos:

- 130 m²
- 8 mesas coletivas (capacidade: 40 alunos)
- 1 lousa
- 1 projetor audiovisual
- 1 telão (cortinas *blackout* nas janelas)
- Sistema de som e microfone
- 1 lona verde (para edição de vídeos com efeito *chroma key*)
- 10 *notebooks* exclusivos
- Ferramental mecânico, eletrônico e artístico completo
- 40 *kits* de prototipagem eletrônica (30 Arduino / 10 Makey Makey)
- 2 impressoras 3D
- 1 cortadora de madeira a laser
- 1 cortadora de vinil
- 1 furadeira de bancada
- 1 lixadeira
- 1 serra tico-tico

Benefícios pedagógicos:

- Aplicação de conteúdos escolares em atividades práticas.
- Foco em trabalhos de grupo.
- Estímulo à criatividade, à iniciativa pessoal e ao protagonismo.
- Valorização do erro como parte do aprendizado.
- Capacitação em tecnologias que abrem novas possibilidades.

tica. Nem o esporte ou a arte ficam de fora: segundo Roberto Leal, há planos para a construção de pranchas de *stand-up surf* com os alunos do 9º ano, e, quanto à Arte, Maristela foi a primeira professora a usar os recursos do novo ambiente, com o experimento do “pêndulo desenhista”, dos 7ºs anos, e até com a produção de videoclipes de alunos do Ensino Médio, nos quais eles tiveram de “interagir” com obras de arte famosas (a Fazedoria dispõe de tela verde para dar o efeito de *chroma key* nos vídeos, em que a imagem é sobreposta a um fundo falso).

São muitas as ideias surgidas em menos de três meses. Mas nem de perto esgotam todas as possibilidades que a Fazedoria tem a oferecer.

Onde será o amanhã?

Tem havido interesse crescente de alunos em graduações no exterior. Eis o que o Vital tem feito para ajudá-los a tomar a decisão.

Entre os concluintes do Ensino Médio do Vital neste ano, pode-se dizer que Lara Novais é uma das que aspiram ir mais longe – literalmente.

Aluna da 3ª série C, Lara pretende prestar vestibulares da USP (Universidade de São Paulo) e da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), mas apenas como plano B. A meta de Lara está nos Estados Unidos, na Universidade do Colorado, que oferece um programa de cursos nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (na sigla em inglês, STEM) que chamou o interesse da jovem.

Lara ainda é uma das poucas alunas com planos de estudar em uma universidade fora do Brasil – dos concluintes de 2020, é a única –, mas tudo indica que nos próximos anos esse número crescerá. “Essa questão é recente ainda, mas está havendo um aumento no interesse dos alunos por essa possibilidade”, diz o coordenador do Ensino Médio, André Rebelo. O movimento reflete uma tendência nacional, como indica pesquisa da Belta, associação de agências brasileiras de intercâmbio, divulgada em junho de 2019. Segundo a pesquisa, mais de 50 mil brasileiros haviam iniciado uma graduação internacional em 2018 – 37,7% a mais do que no ano anterior.

Para a coordenadora do Departamento de Inglês do Vital, Mônica Lemos, uma das principais razões que têm levado famílias a considerar essa opção tem sido o sentimento de que universidades estrangeiras ofereceriam maior qualidade de ensino a seus filhos. “Acho que está

havendo uma percepção de sucateamento da universidade brasileira”, diz Mônica. “E o que agências de intercâmbio têm dito é que mesmo instituições menores lá fora podem ter infraestrutura melhor – laboratórios, bibliotecas, salas de aula, investimento em pesquisa – do que algumas públicas nossas”.

É o que pensa Lara Novais: “Eu acho que é em países como Estados Unidos, Inglaterra ou França que a Ciência tem os maiores investimentos, é onde estão os maiores laboratórios e os melhores pesquisadores”, diz a estudante. “Eu quero a melhor educação possível e simplesmente acho que isso não seria no Brasil; pelo menos, não neste momento”.

Lara está convicta de que, para ela, a opção é sair do País. O que André e Mônica aconselham aos demais alunos, no entanto, é que ponderem os fatores envolvidos na escolha. E, para isso, os coordenadores têm buscado conhecer a fundo os processos de candidatura a universidades no exterior e municiar os alunos de dados suficientes para que tomem a decisão mais bem informada e as providências necessárias. Algo que, aliás, não precisa ser feito só às vésperas do vestibular.

O custo da escolha

De sua parte, o Departamento de Inglês tem contactado agências de intercâmbios, como a Daquiprafora e a STB, e visitado eventos de recrutamento de universida-

des estrangeiras no Brasil, patrocinados por consulados de países como Austrália, Canadá, EUA, Reino Unido e Nova Zelândia. “Queremos abrir o leque de possibilidades para nossos alunos”, diz Mônica.

Para os que tomarem a decisão, como Lara, Mônica diz que o Departamento vai ajudar na obtenção dos documentos exigidos nos processos de seleção, como cartas de recomendação de professores e boletins, além de orientá-los na redação dos *essays* – textos que os estudantes escrevem, de caráter bastante pessoal, para se candidatar a uma vaga nas universidades. “O *essay* tem de revelar quem você é e o que faz de você alguém especial para que a instituição lhe queira como aluno”, diz.

Além disso, o Vital tem feito um trabalho de preparação dos estudantes para prestarem o SAT (exame do governo americano correspondente ao Enem – Exame Nacional do Ensino Médio). Em 2019, alunos de 1ª a 3ª série do Médio fizeram simulados do SAT, cuja pontuação máxima é de 1.600. Lara, que havia tirado 1.380, empenhou-se em subir sua nota para acima de 1.400, que, segundo pesquisou, é considerado um “número mágico” para obtenção de bolsas de estudos nos EUA. E, há algumas semanas, ela conseguiu: 1.530 pontos no SAT oficial.

Bolsas, aliás, podem fazer toda a diferença na decisão das famílias. Segundo Felipe Fonseca, diretor da consultoria Daquiprafora, “uma universidade americana vai custar aproximadamente uns 40 mil dólares por ano. Isso inclui a faculdade, a moradia, a alimentação e o seguro de saúde. Com bolsa, esse custo pode cair para 15 ou 20 mil dólares anuais”.

É uma boa economia, mas possível apenas para o candidato que se diferencia dos demais pelas notas no boletim, pela qualidade de seu *essay* e, principalmente, por méritos extracurriculares, como medalhas em competições acadêmicas, títulos esportivos, realizações artísticas ou ações de voluntariado. Daí por que, segundo André Rebelo, a decisão de estudar fora deve ser considerada com certa antecedência. “Um projeto desses tem de começar *pelo menos* no 9º ano, para dar tempo de o aluno obter esses requisitos que farão diferença na seleção”, diz o coordenador.

Considerando alternativas

André não dá esse conselho sem, no entanto, recomendar prudência. Nos encontros de orientação profissional que faz com os alunos do Médio, ele sempre busca garantir que o estudante *pese todos os fatores envolvidos* na escolha da faculdade: vocacionais, financeiros e *emocionais*. Para quem cogita estudar fora, não seria diferente. “Eu quero que eles se perguntem: estou preparado para começar uma nova narrativa de vida numa realidade tão diferente? Essa expectativa é boa ou está causando angústia?”, diz André.

Cauteloso, o coordenador relativiza a ideia de alguns alunos de que a adaptação à cultura nos países de língua inglesa será fácil – “uma coisa é você assistir a séries e filmes, outra coisa é estar lá” – e também a percepção de que a melhor universidade está necessariamente lá fora. “Depende muito do curso; vamos avaliar como ela é vista no mundo acadêmico e no mundo do trabalho”, diz. “Aliás, o mercado será o mesmo daqui a cinco, seis anos? O futuro não existe ainda”.

Mônica faz outra ressalva quanto ao mercado: para certos cursos, como Medicina ou Direito, diplomas obtidos nos EUA não valem no Brasil. “Algumas famílias respondem que tudo bem, o plano não é que o filho volte, mas que fique lá fora, por causa da qualidade de vida”, diz a coordenadora. Já tendo vivido seis anos entre a Finlândia e os Países Baixos, ela, no entanto, argumenta: “Não acho que tenha experimentado qualidade de vida *melhor* do que em São Paulo, mas *diferente*”.

A coordenadora ainda chama a atenção para uma possibilidade que as famílias podem ter em mente: cursos de férias. “Várias instituições oferecem *summer schools* para alunos estrangeiros – até mesmo mais novos, por volta do 7º ano –, que podem ser alternativas econômicas para o jovem primeiro testar a vida lá fora, conhecer os *campi*, a cidade, a cultura, a experiência de morar sozinho. Pode ser algo do seu interesse e enriquecedor”.

1 Alunos do Vital têm demonstrado interesse crescente em cursar universidades no exterior.

2 Para que tomem uma decisão informada e as providências necessárias, o Colégio tem estudado processos de candidatura e qualidade das principais instituições pretendidas, além de apresentar alternativas (como *summer schools*).

3 O Departamento de Inglês oferece ajuda prática, como obtenção de documentação exigida, orientação para redação e preparação para o SAT (Enem americano).



O espaço da Geografia

Da percepção do próprio corpo à compreensão de como os fenômenos humanos e naturais se distribuem no mundo, como o conhecimento geográfico é construído.

Entre o prédio da Educação Infantil e a papelaria do Vital Brazil, não deve haver mais do que 200 metros de distância, mas, para os alunos do Pré II, o trajeto guarda muitos aprendizados. “Vamos fazer uma visita à papelaria”, anuncia a professora Ângela Costa, em sala de aula. “Quem sabe dizer por onde a gente tem de passar para chegar até lá?”

Não é uma pergunta difícil, mas Ângela está menos preocupada com a resposta certa do que com os detalhes que seus alunos usarão para descrever o caminho. Quantos vão dizer que deverão descer as escadas até o térreo do Vitalzinho? Quantos mencionarão passar pela inspetora de corredor antes de descerem as escadas? Quantos citarão a passagem que liga a Educação Infantil ao prédio principal do Colégio? O pátio externo, as mesas de *ping-pong*, os coletores de lixo? Quem dirá que a papelaria fica ao lado da cantina?

Mais adiante, os alunos serão solicitados a desenhar o caminho até a papelaria. Ou até o bosque, a biblioteca, as quadras da Educação Infantil. Seja oralmente, seja graficamente, o que as professoras esperam é que os alunos tenham construído um mapa mental do Colégio e com ele exercitem conceitos e operações fundamentais, como pontos de referência (*perto de, ao lado de*) e orientação espaço-temporal (*primeiro aqui, depois ali*). É um estágio ainda inicial de alfabetização cartográfica, competência tão importante para os primeiros anos escolares quanto a alfabetização da escrita ou o letramento matemático, mas que serve de base

para o aprendizado da Geografia do Ensino Fundamental ao Médio – ao término do qual o adolescente será capaz de saber e problematizar como os fenômenos naturais e humanos se distribuem no mundo, ao longo do tempo.

Até lá, todavia, é preciso que a criança comece aprendendo a lidar com o espaço que diretamente lhe diz respeito, nos primeiros anos de vida: aquele que seu próprio corpo ocupa.

O mundo em 2D

“A localização é uma das primeiras habilidades do ser humano; a capacidade de saber onde se está em relação às outras pessoas e aos objetos e de perceber a posição do próprio corpo no ambiente”, diz Michele Rodrigues, professora e assessora de Ciências Humanas do Ensino Fundamental II e Médio do Vital Brazil. Michele explica que, quando tal habilidade de se orientar no espaço e em relação ao próprio corpo (propriocepção) não é bem estabelecida na Educação Infantil, a criança pode experimentar dificuldades mais à frente, até mesmo para adquirir as habilidades de leitura e escrita. “Ela pode pular linhas ao ler um texto ou escrever letras invertidas, por exemplo”, diz a assessora.

Cabe às professoras da Educação Infantil estimular nos alunos essa percepção do corpo como primeiro meio de aprendizado de que dispõem. “A gente está o tempo todo usando as situações do cotidiano para ressaltar esse aprendizado”, diz Ângela Costa. “Se vamos entrar no elevador, eu pergunto: ‘Dá para entrar todo mundo? Vai caber?’ Se vamos

sentar em roda no chão, onde cada um vai sentar? Virado para onde? E, se estiver apertada, como podemos abrir a roda?”

Professora do 1º ano, Juliana Rocha lembra ainda que, do Maternal ao 1º ano, o Vital promove aulas de Psicomotricidade, que, entre outros objetivos, trabalha o desenvolvimento da orientação espacotemporal e da lateralização dos alunos. É por meio do corpo que crianças consolidam em seu repertório noções como maior, menor, dentro, fora, ao lado, em frente ou atrás, que, mais adiante, serão aplicadas não apenas ao mundo real, mas a representações gráficas – mapas – do mundo.

“É quando se consolida a alfabetização cartográfica, quando a criança, que vive em um mundo de três dimensões, aprende a lê-lo e a representá-lo em duas dimensões”, diz Michele Rodrigues. O corpo ainda é uma ferramenta pedagógica, como no exercício em que os alunos do 2º ano desenharam o contorno de si mesmos deitados ou em pé numa folha de papel, para perceber as diferenças de ponto de vista (visão aérea, oblíqua, lateral, etc.). Mas, desses “mapas corporais”, logo eles passam a trabalhar com mapas de dimensões progressivamente maiores: do colégio, do bairro, da cidade.

Assim, ao longo dos anos iniciais do Fundamental, os alunos vão sendo estimulados a observar o caminho que fazem de casa até o Colégio; por meio do Google Maps, exploram um passeio virtual pelos arredores do Butantã; dos mapas do Brasil, avançam aos mapas-múndi e aos globos terrestres – e destes para o espaço sideral. Já no 3º ano, os alunos conhecem o sistema solar, contando inclusive com tecnologias de visualização avançadas, como aplicativos de realidade aumentada para celular e um planetário móvel, que o Vital receberá no início de maio.

Diferenças pelo caminho

Paralelamente, nesse caminhar os alunos vão aprendendo a diferenciar as paisagens exploradas – os elementos naturais (árvores, rios, serras, matas, etc.) dos artificiais (prédios, ruas,

pontes, túneis, etc.), o ambiente urbano do rural – e percebendo como mapas refletem tais diferenças. Ao fim do Fundamental I, o aluno já tem a consciência de que o mundo pode ser representado de várias maneiras, como unidades políticas (municípios, estados, países) ou setores da economia (regiões agrícolas, industriais, comerciais), por exemplo.

“É o começo de um pensamento geográfico um pouco mais complexo”, diz Michele Rodrigues. Segundo a assessora, “a cartografia é o principal modo de operar a Geografia”, por permitir ao homem visualizar a espacialização dos fenômenos naturais e humanos, como vegetações, climas, demografia, malhas de transporte, etc.

Antes de refletirem mais criticamente sobre tais fenômenos, porém, é preciso treinar os alunos nas principais práticas e ferramentas da cartografia. “No Fundamental II, eles passam a lidar melhor com as escalas”, diz Michele, referindo-se à convenção de que, em um mapa construído em escala 1:5.000.000, por exemplo, cada centímetro representa 50 km do mundo real. Também observações, registros e entrevistas em campo, técnicas essenciais a qualquer geógrafo, são exercitados pelos alunos nas saídas pedagógicas que fazem ao interior e ao litoral de São Paulo, ao longo do Fundamental II.

Enfim, no Ensino Médio, diz Michele, a criticidade aumenta. É quando se espera que os estudantes não apenas saibam como o mundo está organizado, mas se perguntem por quê. Por que, por exemplo, alguns países são considerados centrais para a economia mundial e outros, periféricos? O que mapas de segurança alimentar, poluição ambiental, PIBs e distribuição de renda têm a dizer sobre o mundo – e o que deve ser feito a respeito? “Na nossa Mostra Científico-Cultural, muitos alunos já estão propondo soluções para desafios do País e do mundo”, diz Michele. Um longo caminho percorrido, sem dúvida, para quem começou com uma simples visita à papelaria.



1

Mapa do Colégio feito por aluna do 2º ano: da Educação Infantil ao 1º ano, os primeiros passos da alfabetização cartográfica se dão nos espaços do dia a dia.

2

O Vital, visto pelo Google Maps: ampliando a noção espacial para o bairro, a cidade, o país (e, mais à frente, o universo).

3

Alunos do 5º ano em atividade lúdica de Geografia.

4

No Fundamental II, aprimora-se o conhecimento técnico da Geografia, como a noção de escalas cartográficas.

5

Alunos do Médio apresentam a pesquisa “Impacto de um Rio Limpo na Sociedade”: um olhar que percebe – e problematiza – a distribuição dos fenômenos humanos e naturais no mundo.



Três em um

Na Unifesp, ex-aluno do Vital faz Medicina, administra um cursinho pré-vestibular e dá aulas de Física.

Para estudar Medicina é preciso vocação, foco e fôlego de maratonista. Victor Cardinalli, 19 anos, tem certeza de que possui as duas primeiras qualidades. O fôlego está em teste. Aluno do segundo ano do curso de Medicina da Universidade Federal Paulista (Unifesp), ele é também, desde o começo deste ano, diretor-geral do Cursinho Pré-Vestibular Jeannine Aboulafia (Cuja), projeto vinculado à Unifesp, voltado a estudantes de baixa renda e da rede pública de ensino. A graduação em Medicina é integral, o que significa que Victor aproveita os dias menos carregados de aulas na faculdade para estudar, cuidar da gestão do Cuja, dar aulas de Física, já que ele também é professor do cursinho, e, se sobrar tempo, cuidar do resto, incluindo a diversão – porque ninguém é de ferro. “É um cotidiano bem cansativo. Mas tenho me organizado para tudo dar certo”, garante.

O fato de a faculdade e o cursinho serem vizinhos, no bairro da Vila Clementino, em São Paulo, facilita bastante o dia a dia do aluno/professor/gestor. Ele consegue resolver quase todos os compromissos por ali, a pé, sem grandes deslocamentos. E, apesar de cansado, está feliz. Faz o que gosta. Victor foi daquelas crianças que sempre tiveram uma boa ideia do que fazer quando crescessem. Medicina era a resposta que costumava dar quando perguntado. Seu exemplo estava em casa.

O pai, Fábio, é cirurgião. “A inclinação para a Medicina foi algo natural”, diz.

A outra paixão surgiu no Ensino Médio, como aluno do Colégio Vital Brazil. Durante a 2ª e 3ª séries, Victor participou do projeto de tutoria, auxiliando colegas com a disciplina de Física. “Foi quando descobri que gostava de dar aulas”. No período em que se preparava para o vestibular, foi amadurecendo a ideia de contribuir com cursos pré-vestibulares populares. Uma vez aprovado na Unifesp, logo no dia da matrícula aproveitou também para se inscrever no processo seletivo de professores para o Cuja. Foi aprovado, começou como plantonista de Física, esclarecendo as dúvidas dos alunos em relação à disciplina, passou a professor e logo estava enfiado na administração do cursinho. “Cuidei da comunicação, que era uma bagunça. Reformulei o *site* e depois ajudei a estruturar melhor o controle de alunos”.

Tamanho empenho o transformou em candidato natural à direção do cursinho, para o qual foi praticamente aclamado no fim do ano passado. Liderança, então, seria uma nova vocação? Pode até ser, mas o futuro está na Academia. Seja qual for a sua área de especialização na Medicina – Victor ainda não decidiu –, ele tem certeza de que a escolha passará pelas salas de aulas, em que seguirá no papel de professor.



DESAFIOS EXISTEM

PARA SER

VENCIDOS





PARABÉNS, ALUNOS!
SUAS VITÓRIAS

NOS ENCHEM DE ESPERANÇA.

100%
APROVADOS
ENTRE OS QUE
PRESTARAM
PARTICULARES

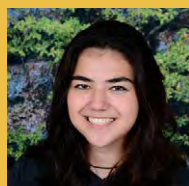
86%
DA TURMA EM
PÚBLICAS

43%
DA TURMA NA
USP



Alice Luciano Cury

Psicologia
(Mackenzie)



Aline Yoshida Machado

Ciências Físicas e
Biomoleculares (USP), Eng.
de Bioprocessos (Unesp),
Eng. Física (Unicamp),
Eng. Química (Unifesp)



Ana Clara T. F. de A. de Matheus

Arquitetura e Urbanismo
(Mackenzie, UFBA)



André Arana Camis

Fisioterapia
(UFSCAR, Unesp, USP)



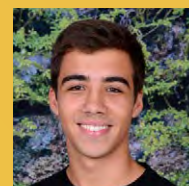
Gabriel Fontana Cruz

Direito (Mackenzie,
Unesp, USP), Medicina
(UFMG)



Gabriel Goes Souto Maior Araujo

Medicina Veterinária
(UFRRJ)



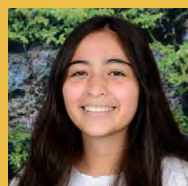
Gabriel Perin Candelaria

Eng. Agrícola
(Unicamp), Eng. de
Biossistemas (Unesp,
USP)



Gabriela Giraldo Tucci

Administração (ESPM),
Administração –
Marketing e Inovação
(PUC-Campinas),
Marketing (USP)



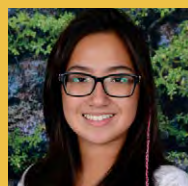
Beatriz Vejarano da Silveira

Eng. Agrônoma
(UFSCAR, Unesp)



Caio Shishito Abe

Ciência e Tecnologia
(Unifesp), Eng. Elétrica
(Mackenzie)



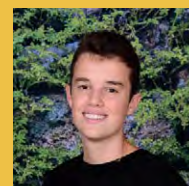
Camila Ribeiro Kawase

Eng. Civil (USP),
Eng. Química (UFSCAR,
Unesp, Unicamp)



Camilly Melo Garcia Ferreira

Biomedicina (UFU),
Ciências Biomédicas
(USP)



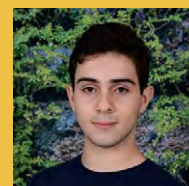
Guilherme Frizzo Amoroso

Tech (ESPM)



Gustavo Costa Teixeira Leite

Ciências Econômicas
(Unifesp)



Gustavo Lipari Grimaldi Cyrino

Direito
(Mackenzie,
PUC-SP, UFPB)



Gustavo Póvoa Cremonini

Publicidade e Propaganda
(Mackenzie), Rádio, TV e
Internet (Cáspier Líbero)



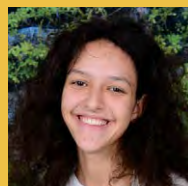
Carla Lemes de Oliveira

Moda (FAAP),
Negócios da Moda
(Anhembi Morumbi),
Relações Públicas
(Unesp, USP)



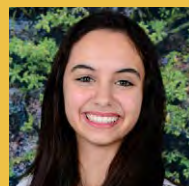
Carolina Bachmann Feitoza

Publicidade e
Propaganda
(Cáspier Líbero),
Química Industrial
(UFPE)



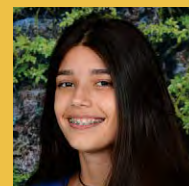
Carolina Palavicini Gallardi

Eng. Ambiental
(Unicamp),
Eng. Florestal
(Unesp, USP)



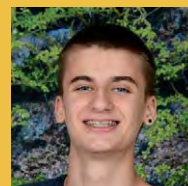
Cecilia Izquierdo de Faria

Medicina
(Ufla, Unid)



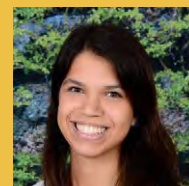
Íris Camargo Pregolato

Publicidade e Propaganda
(Cáspier Líbero, ESPM,
Mackenzie, UFBA)



João Luca Claro França Nogueira

Química (Unesp, USP)



Júlia de M. Leal Magaldi Molitor

Direito (FGV, Mackenzie, Oceanografia (UFSC, USP),
PUC-SP, UFRN)



Julia Lima Monteiro de Carvalho



Danilo Kenji Harata Arimura

Ciências da Computação
(UFSJT)



Fernanda Azevedo Motta e Silva

Administração Pública
(FGV, Unicamp)



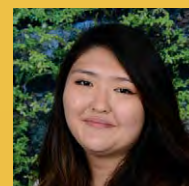
Fernanda Lima Vital Ferreira

Comunicação Social –
Midialogia (Unicamp),
Cinema e Audiovisual
(UFJF), Jornalismo (ESPM)



Gabriel Candicella Gomes Vaz

Ciência e Tecnologia
(UFABC), Eng. de Energia
(Unesp), Tech (ESPM)



Laís Ikawa Nakashima

Química (Mackenzie,
Unicamp)



Larissa Kobayasi

Arquitetura e Urbanismo
(Mackenzie, Unesp, USP),
Eng. Civil (Unicamp)



Laura Cabral Jordão

Psicologia (Mackenzie,
PUC-SP, Unesp, Unifesp)



Leonardo Ramirez de Almeida

Enfermagem (UFSC,
UNICUSUL)

DOZE 1^{OS} LUGARES

UNESP

Direito, Eng. Biossistemas,
Eng. Energia, Rel. Internacionais,
Rel. Públicas

USP

Eng. de Biossistemas,
Oceanografia, Rel. Públicas

UFSC

Oceanografia

UFSJ

Eng. Energia

UNICAMP

Eng. Elétrica

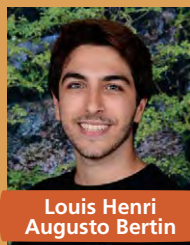
UNIFESP

Rel. Internacionais

UNIVERSIDADES APROVADOS

PÚBLICAS	48
USP	24
UNESP	23
MACKENZIE	14
UNICAMP	11
UNIFESP	8
PUC-SP	5





**Louis Henri
Augusto Bertin**

Farmácia
(Unesp, USP)



**Lucas Dantas Cesar
Assunção**

Eng. de Produção
(UFV, Unesp)



**Luiza Gibran de
Oliveira**

Direito
(Mackenzie, USP)

NO FINAL,

TUDO DÁ CERTO.



**Manoella Stavale
N. M. do Amaral**

Ciências Biológicas
(Unesp)



**Marcus Vinícius
Teixeira Huziwara**

Ciências da
Computação
(PUC-SP, USP),
Eng. Elétrica (Mackenzie)



**Maria Eduarda
Bonatti Leonardi**

Direito
(UNB, Unesp, USP)



**Maria Eduarda
Rodrigues Farias**

Ciências Sociais
(Unifesp),
Direito (Mackenzie),
Letras (Unesp)



**Matheus Franco
Siqueira**

Direito (UFMG),
Engenharia (IME),
Eng. Naval (USP)



**Matheus Rocha
da Silveira**

Publicidade
e Propaganda (ESPM)



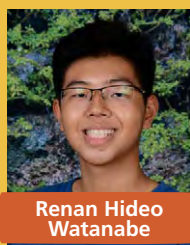
**Paula Bicalho de
Souza**

Comércio Exterior
(FURG), Relações
Internacionais
(Belas Artes)



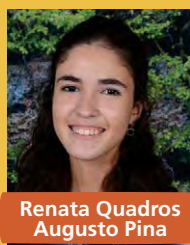
**Rafael Domingues
Aragoni**

Adm. Pública (Unicamp),
Ciências Atuariais
(Unifesp), Ciências
Biológicas (Unesp)



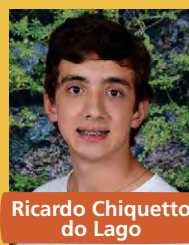
**Renan Hideo
Watanabe**

Eng. de Controle
e Automação (Unesp),
Eng. Mecatrônica (USP)



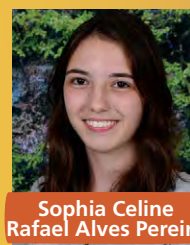
**Renata Quadros
Augusto Pina**

International Studies
(Leiden University),
Relações Internacionais
(FGV, UNB, USP)



**Ricardo Chiquetto
do Lago**

Eng. Elétrica
(Unesp, Unicamp,
USP)



**Sophia Celine
Rafael Alves Pereira**

Eng. de Bioprocessos
(UFSJ), Eng. de Controle
e Automação (Unicamp),
Eng. de Energia (Unesp),
Eng. Mecatrônica (USP)



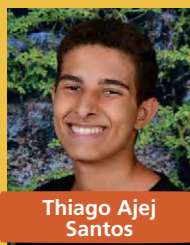
**Stella Paterson de
Carvalho Pontes**

Relações Internacionais
(PUC-SP)



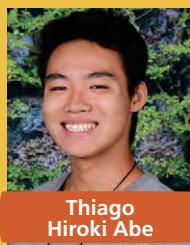
**Tatiana Lucke
Dell'Aquila**

Ciências Atuariais
(Unifesp)



**Thiago Ajei
Santos**

Relações Internacionais
(FGV, Unesp, Unifesp, USP)



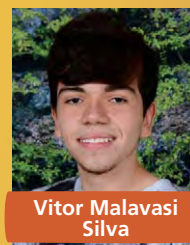
**Thiago
Hiroki Abe**

Administração (USP),
Ciências Econômicas
(Unesp)



**Vinicius Campos
Castello Branco**

Química
(USP, USP-São Carlos)



**Vitor Malavasi
Silva**

Ciência e Tecnologia
(UFABC)

